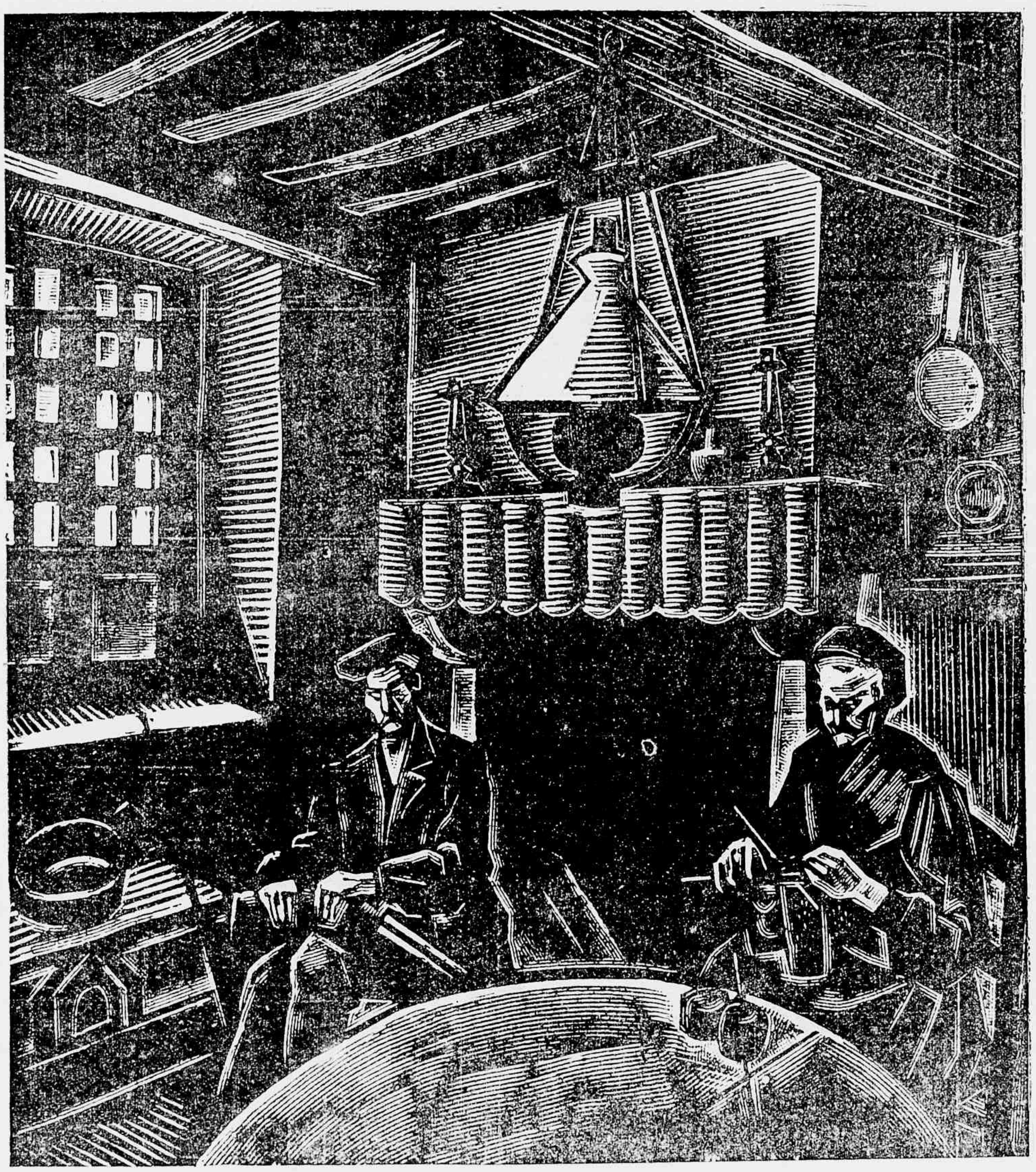
O MOMENTO feminino

UM JORNAL PARA O SEU LAR



COLABORAM:

Alice Tibiriçá ★ Alina Paim ★ Arcelina Mochel ★ Diana de Brito ★ Ediria Carneiro ★ Eneida ★ Gilda Braga Linhares ★ Laura Austregésilo ★ Lia Corrêa Dutra ★ Lígia Maria Lessa Bastos ★ Marieta Jacques ★ Maura de Sena Pereira ★ Sagramor de Scuvero ★ Silvia

N.º 3 ★ ANO I ★ SEXTA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 1947 ★ Cr$ 1,00

Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

A multiplicidade dos problemas femininos vem acarretando uma serie de preocupações, que invadem todos os lares.

A família brasileira vive, realmente, uma época de intranquilidade, de insatisfação e de tristeza.

A alegria do ambiente familiar deu logar a um constrangimento cotidiano, que se observa na vida gente.

É que não há ambiente para qualquer manifestação prazeirosa, que reflita um bem-estar comum, um justo tratamento que merecemos, que temos direito como parte integrante e indispensavel à vida social.

De quando em quando, frases enaltecedoras à mulher enchem páginas de nossa literatura. Entretanto, somos forçadas a declarar, que tais referências não passam de uma falsa idéia da situação verdadeira em que atualmente vivemos.

É certo que gostamos de lirismo. A alma da mulher brasileira é romântica. A poesia também nos encanta. Mas, quando se está dentro de uma realidade preponderante, tudo o mais é como nuvem escurecedora, para encobrir aquilo pelo qual devemos lutar.

E essa realidade, queridas amigas, é a fome que nos ameaça, é a miséria do nosso povo que aumenta cada vez mais.

O nosso valor ha-de ressurgir da coragem em enfrentarmos as nuvens negras do mundo atual, eliminando-as e reconquistando a limpidês radiante de uma vida confortavel, digna e bôa.

Um dos nossos problemas de dia a dia e que muito nos preocupa, além do mais, porque traz terríveis consequências à normalização de nossa vida orgânica, é o que diz respeito à escassês de banha no nosso mercado e, consequentemente, a sua falta em nossa cozinha.

Gritamos revoltadas contra as manobras que se efetuam em tôrno desse produto, porque não há razão para nos privarmos dessa gordura, senão pelo interesse dos negocistas deshonestos.

Enquanto a eles não interessa zelar pela alimentação e pela saúde do povo, a nós, mulheres, cumpre-nos desmascará-los, combatê-los.

Industriais gauchos, apesar de interesses particularistas, apresentando despesas da industrialização da banha até sua entrega ao consumo, concluiram que a venda poderia ser feita ao govêrno, a Cr$ 515,10 a caixa de 60 quilos mas, depois, surgiu o convênio com o Ministério e a taxa foi elevada para Cr$ 806,00, equiparando-se mais o preço da gordura de Porto Alegre ao do Distrito, num aumento de 100 % da banha do sul.

Isto se deu, amigas, em 1946, no mês de setembro, época em que o preço real da banha era Cr$ 9,80 e o câmbio negro a elevava a Cr$ 18,00 e Cr$ 20,00.

O consumo da nossa capital era de 30.000 caixas e, então, aqui surge a manobra contra o povo: o Ministro concorda com 10.000 caixas para o consumo em venda direta e as 20.000 restantes a mercado livre, o puro câmbio negro. E como esse abastecimento fôsse apenas para 5 meses, o estoque acabou a 16 de junho último.

Agora vem outro convênio e muito pior. Vamos ter de aumentar a nossa luta para rebaté-lo. Vejam: apenas 6.000 caixas vão ficar para a venda tabelada em Cr$ 20.00 o quilo e todo o restante, isto é, 24.000 vão para o mercado livre.

A realidade é bem desastrosa: para o povo, diminue-se a cota aumentando-se o preço; para os cambionegristas, aumenta-se a cota e se deixa ao seu sabor a elevação do preço.

Eis aqui um sério problema para as mulheres e uma grande injustiça, contra a qual nos insurgimos.

Não é sem luta, sem organização, sem união, que combateremos esse tratamento contra o povo, especialmente contra as mulheres. Eis porque MOMENTO FEMININO procura discutir com as queridas amigas os problemas fundamentais e de interesse real.

A banha é um produto indispensavel ao nosso organismo e, por isso mesmo, todas nós lutaremos para reconquista-la, ao alcance de todas.

CURIOSIDADES DO NOSSO IDIOMA

Talvez interesse a nossas leitoras conhecer a origem de certas expressões, adágios e frases feitas que comumente empregamos, sem desconfiar, sequer, de onde nos vieram, às vezes conservadas, intactas, através dos tempos, outras tendo sofrido algumas deturpações, que procuraremos explicar de modo breve... e leve.

Assim, por exemplo, essa expressão que todo inquilino conhece, essa dolorosa expressão que ouve quem quer uma casa para morar, um escritório, uma loja para se estabelecer: dar as "luvas", pagar as "luvas", de onde nos terá ela vindo? A resposta é pitoresca e nos é fornecida pelo filólogo português, L. Batalha, que a foi buscar em pleno século XVII, documentando-se devidamente no LIVRO II D'ASSENTOS DA CÂMARA, fls. 194 v. e no REGISTRO DE MANDADOS DE PAGAMENTO DOS ANOS DE 1645 a 1654. E a história é a seguinte:

Tanto o rei D. Manoel quanto D. João III, querendo dar o maior brilhantismo possível à festa de "CORPUS CHRISTI", obrigavam que Ministros, Clero, Nobreza e Povo, Câmara, tropas, frades e freiras tomassem parte nas grandes solenidades com que se comemorava essa data. Quem não enfeitasse as janelas de suas casas, quem não se descobrisse à passagem do cortejo, quem nele não tomasse parte, sofria pesadas penalidades, que iam desde o pagamento de multas até mesmo à perda do emprêgo e, o que é mais espantoso, à perda dos foros de cidadania!

Mas, apesar disso, muitas vezes o préstito era obrigado a parar no meio do caminho, por falta de pessoas de categoria que carregassem o andor.

E tudo foi resolvido a contento, a população afluiu em massa ao cortêjo, houve pretendentes de sobra para carregar o pálio, no dia em que El-Rey prometeu que seria entregue um par de luvas, de presente, a cada cidadão chamado a carregar o andor.

Assim, lê-se num documento da Câmara, de meados do século XVII, a ordem de se pagar a quantia de *nove* mil réis de cem pares de luvas para os encarregados de levar o pálio, e mais treze mil e seis contos de réis para se repartirem com os Ministros da Mesa pelas "luvas" que lhes eram dadas no referido dia.

Daí, a se tomar a expressão de "dar luvas" e "pagar luvas" na acepção em que agora a usamos, foi um pulo. Pagamos, hoje, além da quantia devida em alugueres, ordenados, etc., as "luvas" que, no fundo, não são mais do que uma forma disfarçada (mas não muito...) de subôrno...

"MOMENTO FEMININO" QUER SER UM JORNAL REALMENTE FEMININO; PARA ISSO PRECISA DA COLABORAÇÃO, DAS SUGESTÕES DE TODOS.

Prazer em conhecê-la!

Amiga, apresento-lhe aqui:

JOANA AUSTEN — 1775-1817 — romancista inglêsa autora do "Orgulho e Preconceito" livro que deu um filme que você deve ter visto em nossos cinemas. Esta senhora é tão importante que críticos como Macaulay consideram-na comparável a Shakespeare. Deixou poucos livros todos publicados entre 1796 e 1810. ("Persuasão", "Sentido e sensibilidade" e "O Parque de Mansfield"). Outro crítico, Edmundo Gosse, compara Joana Austen a Balzac e Tourgueneff. Imaginem que só quase depois de vinte anos de ter escrito o "Orgulho e Preconcito" é que conseguiu editor para seu livro. E' uma das maiores romancistas do mundo.

—:o:—

HORTENCIA DE CASTRO — 1548-1595 — Poetisa portuguesa. Ambicionando desde cedo cursar aulas superiores (humanidades, filosofia, teologia) e não podendo fazê-lo, naquele tempo, por ser mulher simplificou as coisas, mudando de sexo. Vestiu-se de homem e conseguiu assim doutorar-se em filosofia aos 17 anos de idade. Como depois não precisasse mais das roupas masculinas voltou ao que era e foi a primeira mulher portuguesa que discursou em público no século XVI. Dona Maria que era então rainha de Portugal, cercava-se das mais eruditas mulheres e Hortencia de Castro foi a que mais se salientou entre elas. Hortencia de Castro usava o pseudônimo de "Públia".

————

Você quer ser apresentada a alguém vivo ou morto? E' só escrever para nossa redação: Lavradio, 55 — 1.º andar, sala 14.

ALFABETIZAR ADULTOS, QUE GRANDE TAREFA PARA A MULHER BRASILEIRA!

MUNDO DE HOJE

MUNDO DE HOJE

MUNDO DE HOJE

ENEIDA

No rol das vítimas do fascismo mundial quantas e quantas mulheres! Quantas mães de olhos vermelhos de chorar, quantas espôsas e quantas filhas gemendo baixinho, quantas noivas adiando o sonho que tanto acalentaram. A afirmação de que a mulher é a maior vítima dos regimes de fôrça verifica-se cotidianamente.

•

A mão do ditador Morinigo está sangrenta de crimes, e à essa onda de barbarie não escapa a mulher que se ergue altiva e heróica em defesa da pátria. NICOLASA BARRIOS OLIVER, uma mulher do povo, operária e mãe de Ramon Vera, vivia no Rio da Prata. Duas semanas depois do início da guerra civil foi assassinada por elementos do govêrno. Policiais invadiram sua casa, perguntaram-lhe pelo filho e a assassinaram a tiros de revólver, entre risadas. TERESA DE BENHARANO, outra vítima trucidada a golpes de carabina e a pontapés. Tereza tinha, como única família, uma sobrinha que não escapou à fúria dos beleguins. MODESTA DE CORONIL, que foi arrastada pelos cabelos. Seu marido anti-fascista partira com os revolucionários paraguaios; ela pagou essa atitude com sua vida. Arrastada pelas ruas, seus gritos de protesto só deixaram de ser ouvidos, quando exangue se extinguiu...

E a mulher paraguaia continúa na luta em defesa de seu lar, de sua pátria, de sua felicidade.

•

O presidente de Costa Rica remeteu à assembléia legislativa um projéto de lei estabelecendo a concessão dos direitos políticos à mulher. As costariquenses até agora não possuem o direito do voto.

•

A senhora Vijalakshmi Pandit, irmã de Pandit Nehru, vice-presidente do govêrno interior da India foi nomeada embaixadora na União Soviética. E' a primeira vez que isso acontece na India.

•

Foi criada em Berlim, a União Democrática de Mulheres alemãis, depois da realização de um Congresso ao qual assistiram 1.640 mulheres: 995 da zona soviética, 94 da zona inglêsa, 17 da zona americana e 3 da zona francêsa. As restantes eram de Berlim.

Mulheres de tôdas as tendências políticas e religiosas mas tôdas empenhadas na consolidação da Democracia e da Paz.

•

Nenhuma de nós pode pronunciar sem comoção o nome dessa gloriosas heroinas da Espanha. Maria Teresa Toral, Isabel Sanz Toledano, Mercedes Gomez Otero e tantas e tantas outras vítimas do cruel ditador Franco. Existe hoje nos carceres de mulheres e nas centrais de Gerona e Puch na Espanha, 12.425 mulheres além das 620 presas em Euzkádi. O total de pesosas presas é de 115.337, isso sem contar os presos em delegacias de policias ou na Policia Central de lá que se chama "Dirección General de Seguridad de Madrid" onde, segundo dados recem publicados, há aproximadamente 6.000 pessoas presas. A Espanha é um vasto presidio e um campo cheio de mortos. E lembrar que todo isso acontece sob a proteção dos chamados govêrnos democráticos dos Estados Unidos, Inglaterar, etc. E lembrar que até o nosso país manda coisas para a Espanha desse grande assassino que é Franco... Precisamos ouvir o apêlo que os presos espanhóis lançaram ao mundo:

"Nós, presos políticos das prisões de Franco, perguntamos ao mundo: Até quando isto durará? Até quando existirá a pena de morte na Espanha? Até quando durarão as farças sangrentas dos conselhos de guerra? Até quando durarão tantos crimes? O mundo perdeu sua sensibilidade? O mundo não se sente tocado pelos gritos dos torturados, pelos assassinatos, pela fome e a dôr da Espanha? Dirigimo-nos a todos aquêles que guardam em seus corações sentimentos humanitários e lhes dizemos:

A Espanha se empobrece: a Espanha está perdendo todo seu sangue. Um clamor atravessa as fronteiras e ecoa no mundo todo: Justiça! Justiça! Justiça!"

Esse o apêlo comovedor lançado pelos presos políticos do Alcalá de Henares em 1.º de maio dêsse ano.

Ajudemos a Espanha. Reforcemos com o nosso apoio a gloriosa luta do povo espanhol onde a mulher tem sido um exemplo de heroismo, de dedicação e lealdade à causa da Democracia, da Liberdade.

Ajudemos a Espanha.

•

O secretariado da Federação Democrática Internacional de Mulheres fez continuas petições às autoridades norte-americanas e inglesas para a entrada de uma delegação dêsse organismo na zona alemã ocupada pela Inglaterra e Estados Unidos. Em fevereiro deste ano a Federação obteve licença para visitar a zona soviética e agora uma segunda comissão esteve na zona ocupada pela França. Só aqueles dois países teimam em proibir a visita da F.D.I.M. o que não impediu a criação da União Democrática de Mulheres alemães.

A VOZ

Laura Austregésilo

Olhou-se no espêlho, tocou as orelhas, transparentes, reparou nos olhos pisados, na pele ainda macilenta. Sempre que repetia aquela inspeção, e isso era frequente, — o coração, onde se misturavam, cada vez mais fundo, esperança e terror, batia em tumulto. Falou alto, sozinha, interrogando: "Estou um pouco melhor?" A voz saiu rouca. Insistiu, já agora não mais interrogando: "Estou um pouco melhor." Mas a voz continuava rouca, áspera, incerta.

Deixou o espêlho, lutou contra as lágrimas, teve um acesso de cólera, atirou longe o pente, deu alguns passos no quarto apertado. Deixou-se cair de novo na cama. Ah! se não fôsse aquela rouquidão... Engordara bastante, alguns quilos (e passava as mãos pelo busto, pelos quadris), estava com melhores cores, mais apetite; cansava-se menos, até dormia bem; os suores noturnos haviam desaparecido. Porém a voz, a voz, que teimava em não clarear, que lhe traia o estado, que a denunciava logo às primeiras palavras!

Dois anos antes, quando, para ajudar em casa, fizera um concurso no DASP e fôra aprovada, ao ser submetida a exame de saúde é que se descobrira o seu mal, apanhado ninguém sabia como e que se agravara rapidamente. Outra vida começou então para Luisa: peregrinação por sanatórios baratos e pensões, sozinha, perdida no ciclo de esperança e desânimo, as melhores, as recaidas, as crises de nervos, as saudades de casa, as horriveis saudades. Estivera primeiro em Campos de Jordão; ao fim de seis meses, fôra-lhe impossível continuar lá. Voltara. Novos médicos foram consultados. Todos a animavam: Vai ficar boa, está muito melhor, alguns meses mais e tudo se normalizará. Era sempre a mesma coisa: examinavam as chapas, comparavam-nas, otimistas, confiantes. Luisa volvia da consulta quase iluminada, na certeza da cura. Semanas ou meses depois, tudo recomeçava. Tomava então horror ao lugar em que se achasse, retornava à casa, pedia novo médico, mudava de clima. Campos de Jordão, Teresópolis, Friburgo, e agora Belo Horizonte. De longe em longe, os pais visitavam-na, ora um, ora outro. A vida era dificil, as despesas muitas, visitas tinham de ser raras. Precisava suportar tudo sozinha.

Cada vez que iniciava um tratamento e experimentava outro lugar, enchia-se de projetos, acreditava poder trabalhar em breve, readaptando-se à vida normal. Ultimamente, convencera-se de que, se encontrasse um emprêgo não lhe exigindo muito esfôrço, isso apressaria o retôrno à saúde. Os médicos aconselhavam-na a esperar um pouco mais, dois ou três meses, até se consolidar a cura. E o tempo se escoava.

As pálpebras fecharam-se nervosas, Luisa teve a sensação de não aguentar nem um dia mais. "Uma doença dessas afasta a gente de tudo, de todos. O melhor é acabar de uma vez, morrer logo." Daquela Luisa, que fazia

um bloco com o pai e a mãe, cujos pensamentos e ações giravam em tôrno da vida estreita dos seus, nada mais restava. "Ao menos assim não sofro mais", pensou, com raiva. E logo lágrimas lhe brotaram: "Mamãe, Mamãe!". Sempre rouca. E os médicos a afirmarem que ela estava melhor, muito melhor ("Compare estas radiografias!", que em breve poderia empregar-se.

Quando viera para Belo Horizonte, seu pai lhe dera três cartas de recomendação. Aguardava apenas que a voz se normalizasse, para entregá-las. E há quase dois meses que aguardava!

Abriu os olhos, reagiu, levantou-se, pôs-se a arrumar o seu quarto de pensão meticulosamente, para forçar a calma. Refletiu: realmente a voz estava melhorando; com tempo firme, ninguém suspeitaria do seu estado. Voltou ao espêlho. Bonitos olhos, lábios carnudos. Mesmo a pele, ainda macilenta, era fina. Quando se preparava, feito o "maquillage", penteados os fartos cabelos que já tinham retomado parte do antigo brilho ("Tinham mesmo?" a dúvida assaltou-a, passou várias vezes a escova na cabeleira ondulada e, por fim, suspirou com alivio), não era possivel crê-la doente. Na rua não a olhavam como portadora daquela terrivel moléstia. Ao contrário, era comum rapazes se virarem interessados, olhares atrevidos, cubiçosos, em atitude de expectativa.

Terminada a arrumação do quarto, Luisa pegou num livro, não o apriu logo, foi à janela, olhou o dia tão luminoso, morno, com pequenas nuvens branquinhas, uma tal claridade nas montanhas, dançando no ar, escorrendo pelas paredes e muros! Algumas pessoas passaram pelo retângulo da janela. Um cachorro veio correndo do quintal em frente, parou, mexeu o rabo, fuçou nuns detritos, seguiu rua afora.

Tamanha paz! "Vou ficar aqui para sempre. Se eu arranjasse logo um emprêgo!". O que a inibia de entregar as cartas era o receio de que lhe localizassem a doença pela voz. Mas isso, afinal de contas, — raciocinava, — era tolice. Então a pessoa não pode apanhar um resfriado qualquer, e ficar rouca durante um tempo? Aliás, logo que apareceu a rouquidão, Raul ("Que bom médico!") já a tranquilizara, assegurando-lhe que a rouquidão nada tinha com a tuberculose.

Decidiu-se, de súbito. Se o tempo continuasse bom iria, logo depois do almôço, entregar pelo menos uma das cartas. Qual? Decidiu-se pela dirigida ao colega de ginásio do seu pai. Certamente êle a empregaria logo.

Com a resolução, voltaram-lhe as esperanças, sentiu-se inteiramente saudável, teve vontade de cantarolar, conteve-se um tempo, para não cansar a voz. Também para não cansar a voz, evitou conversas durante o almôço, que comeu com apetite. Fez, depois, o costumeiro repouso, enquanto repassava em imaginação tudo que ia acontecer, as [illegible] cadas, o dia em que começaria a trabalhar, o ordenado, a notícia para casa ("Luísa ficou mesmo boa de tudo. Está até empregada.").

Vestiu devagar, com todo esmêro, o costume de lã azul claro e a suéter rosa de gola alta. Estava segura da colocação; com isso, ganharia o bastante para aliviar as despesas da familia, ficaria vivendo em Belo Horizonte para sempre; o fio da sua antiga vida com os pais estava roto. [illegible] melhor reconhecer de uma vez por tôdas, e conformar-se. Pintou-se, borrifou os cabelos com água de colônia. Olhou-se ainda uma vez no espêlho. Sorriu nervosa. Animava-a a secreta convicção de que a cura radical dependia do emprêgo.

A mão que abriu a porta da rua tremia ligeiramente. Luisa atravessou o pequeno terraço de madeira, desceu a meia dúzia de degraus e pôs-se a caminhar até o poste do bonde. Seus passos soavam leves na calçada vazia.

Longe, enormes e pesadas, obscureciam o céu.

CARTAS DE AMOR

De CHARLES LOUIS PHILIPPE

Romancista francês — (1874 - 1909).

(Cartas a Mme. Ema Mac Kenty).

Senhora:

Vosso orgulho me encanta. Há em certas criaturas um modo de andar de cabeça erguida que faz lembrar conquistas, viagens numa Nova Granada desconhecida, onde as flores têm perfumes de esperança. Não vos julgueis, portanto, nem muito altiva nem muito distante, porque de todas as coisas deste mundo nenhuma existe contra a qual eu não sinta capacidade de lutas. Não tenho vaidade, mas sou daquela espécie de homens que possuem ainda a virtude do orgulho adquirido dia a dia e que cresce, aumenta e cala. Porque o orgulho é cheio de silencio. Comecei pelas fraquezas da infância, pelas ternuras doentias (encontrareis isso nos meus primeiros livros) e só com o uso da verdadeira dor levantei-me, caminhei; vi os primeiros cimos onde o homem livre é mais forte que o vento. Creio que, não sou de nós dois, o mais moço, porque as experiencias cotidianas penetraram profundamente em meu espirito e o amadureceram. Conheci os

lados da vida onde muitos sossobram. Sou pobre, mas isso é para mim uma coisa de pouca importância, porque nunca desejei vitórias de dinheiro.

Meu editor? Dou apenas o endereço da casa onde apareceram dois livrinhos de tiragem restrita para um público letrado. E' "A Pena" na rua Bonaparte 31 e os dois livros se chamam um "A boa Madalena e a pobre Maria", o outro "A mãi e o filho". Quanto ao meu último livro, (Bubu de Montparnasse) um romance aparecido em fevereiro último numa grande editora, eu vos falarei dele quando tiverdes lido os dois primeiros. E' preciso que me conheçais pessoalmente antes de lê-los sob pena, para mim, de ser "considerado" de maneira desagradavel.

...Há entre nós dois, senhora, profundas diferenças de meio social, mas isso só poderá prejudicar-vos porque, para mim, esforço-me em ser o homem de todos os meios sociais e estar tão à vontade ao lado de um prin[illegible] quanto ao lado de um operário.

Hoje não vos farei confidências. Meus amigos acusam-me de ser "fechado". Mais tarde essa opinião se modifica. Tendes o direito de fazer-me falar, querida senhora.

As mulheres organizadas a serviço do Brasil e da Humanidade

Alice Tibiriçá

A última guerra demonstrou a potência das atuais armas de guerra. Viu-se que a bomba atômica e outras poderosas armas de destruição anulam canhões e a bravura dos soldados. Disseram os pessimistas que a ciência, ao invés de contribuir para a melhoria da existência humana, requinta em meios de destruí-la, e que as fôrças morais estacionaram, presas ao egoismo.

Essa concepção, no entanto, é desmentida pela interferência dos cientistas e pela atuação dos homens e mulheres que acima de seus próprios interêsses colocam a justiça e a felicidade da humanidade. Nêsse grupo, a mulher tem posição de destaque, sobretudo como mãe e educadora. Como corrigir falhas de caráter, egoismo, ambição, vaidade, senão ensinando às crianças o verdadeiro sentido da solidariedade, da justiça e do respeito à pessoa humana?

A mulher, até agora, quase sempre à margem das questões políticas e econômicas, pouco se apercebia do perigo a que seus filhos estavam expostos, quando núvens negras ameaçavam quebrar a paz entre os povos. Manobra, muitas vezes, de conluios comerciais para maiores ganhos à custa de países fracos, tais interêsses, protegidos pela fôrça armada, ensanguentaram o mundo. As duas últimas guerras trouxeram à humanidade maior dose de experiência, o que dificulta, felizmente, a terceira guerra mundial, já prenunciada pelos corvos, como se não bastaram o clamor das vítimas e as cruzes, atestando o número dos que tombaram para que as crianças do futuro pudessem encontrar o mundo liberto da fome, do terror, da prepotência, da injustiça.

NÃO HAVERA' NOVA GUERRA, proclamam as mulheres da Europa, da Africa, da Asia e das Américas. No Brasil, êsse é, também, o nosso grito de alerta para os que se deixam influenciar pelas ameaças de um novo conflito.

Em nosso país, as mulheres se associam para a defesa de seus ideais. Completa agora 25 anos de atividades, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que pugnou e obteve o direito do voto feminino. Em Belo Horizonte, acaba de fundar-se a União Feminina, "cujo objetivo principal é o combate sistemático à guerra, e a reconstrução de um mundo novo, onde todos possam ter os seus direitos respeitados e assegurados". Em Santos, a Sociedade Cívica Feminina de há muito defende o mesmo postulado, pugnando por uma "sociedade em que a fome, a ignorância e a humilhação de uns não espreitem, saturadas de rei e de revolta, a fartura e os desmandos dos outros". No Distrito Federal, as mulheres se organizam em várias entidades, como o Comitê de Mulheres Pró-Democracia, Associação das Funcionárias Municipais, e outras. No momento, estão empenhadas na luta econômica, fundando as Uniões Femininas contra a Carestia em cada bairro. Sentiram elas que aguardar medidas apenas da boa vontade dos homens, a fome lhes viria rondar o próprio lar. Com a vertiginosa alta dos preços de gêneros de primeira necessidade, volveram, as mulheres, o pensamento para as causas públicas que deram origem a tal situação. Daí o crescente número de associações que surgem em todos os bairros do Distrito Federal. Visando o combate ao câmbio-negro, reclamando moradia higiênica, escolas para as crianças, possibilidades de tratamento e saúde, e vestuário decente, as mulheres descem às causas determinantes da crise e procuram conhecer os assuntos políticos e econômicos do momento. O estudo é fascinante, e, como a brasileira é inteligente, busca livros e se detém nos fatos históricos. A essa altura, começa a amar conscientemente a sua terra. E' então que de sua mente desaparece para sempre o conceito injusto, tantas vêzes levianamente emitido: "O povo brasileiro é preguiçoso, fruto de uma raça inferior". Jamais concordará com essa heresia, pois que o estudo dos problemas brasileiros lhe fez saber com que dificuldades se processou a nossa marcha para o progresso. A passos vagarosos, talvez, mas firmes, marcha o Brasil apoiado no braço forte dos bandeirantes, seringueiros da amazônia, dos sertanejos do nordeste, do povoador de sertões, na valentia dos gauchos e dos desbravadores das selvas para o plantio dos cafezais. Ficou conhecendo como é forte o sentido de liberdade do povo brasileiro, herança que lhe veio dos antigos selvícolas, fugindo para o sertão a fim de não se tornarem cativos dos que aqui aportaram, em busca de nossas riquezas. Compreendeu também a mulher, o quanto o Brasil deve ao bondoso povo africano, transportado nos navios negreiros, dando-nos, nos primórdios de nossa vida econômica, mais que o suor de seu trabalho: as lágrimas e o seu sangue, vítima que foi da ganância e da truculência de seus senhores. Podemos, então, trabalhar para que a Mãe Preta tenha, nas praças de nossos jardins, uma estátua, que de há muito a nossa gratidão deveria ter erguido. A mulher, assim instruida, compreenderá o valor de seu voto e saberá eleger, para os cargos de representação popular, homens e mulheres que defendam os interêsses da coletividade e, sobretudo, a liberdade do nosso país. Pugnará pela exploração de nossas jazidas, petróleo, visando, apenas, a garantia do futuro do país, e não a interêsses outros. Compreenderá o valor de uma imprensa feminina e auxiliará os jornais feitos pelas mulheres. Entrará para a União Feminina de seu bairro. E, caso não exista essa associação, procurará criá-la. Tomará parte, como associada, nos trabalhos do Instituto Feminino de Serviço Construtivo, acompanhando as atividades de seus vários Departamentos, entre os quais está o dos Direitos da Mulher. Assim, haverá, para tôdas, trabalho de seu agrado. O Instituto serve de ponto de ligação entre as associações femininas. Essa a sua principal finalidade. E para que mais e melhor se amplie, em nosso país, o movimento feminino organizado, o Instituto Feminino de Serviço Construtivo, como programou desde outubro de 1946, ao se constituir, prepara um Congresso do qual sairá a grande Federação das Mulheres Brasileiras.

Cada vez mais habilitadas e conscientes de seu papel na construção do mundo de amanhã, as mulheres brasileiras, unidas também à Federação Democrática Internacional de Mulheres, com suas irmãs de tôdas as nações defenderão os povos contra a opressão, solidificando a democracia, e defendendo intransigentemente a paz, que tem de ser mantida — hoje e sempre — para a felicidade de tôda a humanidade.

MOMENTO feminino

EXPEDIENTE

DIRETORA:
ARCELINA MOCHEL
REDATÓRA-CHEFE:
LIA CORRÊA DUTRA

SECRETÁRIA:
SILVIA LEON CHALREO

REDATORAS:
ENEIDA COSTA DE MORAIS
MAURA DE SENA PEREIRA

GERENTE:
HELOISA RAMOS

CHEFE DE PUBLICIDADE:
GLÓRIA CORDEIRO DE ANDRADE

Redação e Administração:
RUA DO LAVRADIO, 55 - 1.º andar
Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro
Número avulso: Cr$ 1,00 — atrazado: Cr$ 2,00

ASSINATURAS:
3 meses ..... Cr$ 12,00
6 meses ..... Cr$ 22,00
12 meses ..... Cr$ 40,00

OFICINAS: «Tribuna Popular S. A.»

DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Anteu Ltda.

(Distribuição em todo o Brasil)

Marina e Maria Dulce

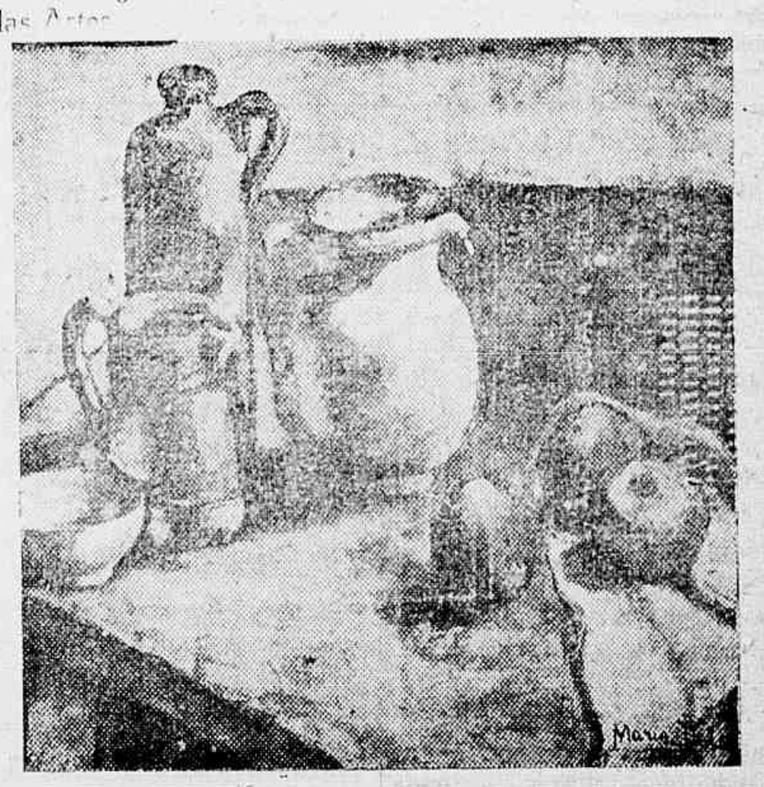
SILVIA

Maria Dulce e Marina Machado da Silva, duas irmãs, duas pintoras e uma arquitéta, estão realizando uma exposição na sala do Pálace Hotel. Longo seria uma enumeração de artistas mulheres para confirmar que a sensibilidade feminina ao lado de um metier profissional tem sido a garantia do que a mulher pode realizar como artista plástico. Em todos os países do mundo, em todas as galerias e museus, figuram obras de pintura e de escultura, assinadas por mulheres que já se tornaram universalmente conhecidas. No Brasil, também não são raras aquelas que emprestam a seu nome o valor de uma relevante vocação artística. Bastariamos citar alguns nomes: Nobiling, Hilda Campofiorito, Georgina de Albuquerque, Djanira, Cordelia de Andrade, Pola Rosende, e tantas outras.

Marina, pintora e arquiteta, expõe quadros a óleo e aquarelas. São pinturas ainda comprometidas com a sua vida acadêmica, apezar ds tendências que a artista revela nas suas largas pinceladas ou no uso da espátula que costuma utilisar para rasgos mais amplo. Os seus quadros são geralmente agradáveis mas ainda há um longo caminho a percorrer. O crítico de arte têm a dura missão de julgar (nem sempre com a sua própria sensibilidade) mas em nossa crônica pretendemos apenas ilustrar para as nossas leitoras o conteúdo de uma obra de arte, como deve ser vista, como deve ser sentida. Marina demonstra uma certa inclinação para o motivo popular quando foge das paisagens e das flôres decorativas. O quadro que reproduzimos é um exemplo disso — representa um "Casebre" com sua gente pobre, suas crianças, a água do poço, a roupa na corda, etc. E' um quadro tocante e de bonito colorido. Entre as aquarelas, queremos apontar em nossa nota rápida, um pequeno quadro — "o vendedor de bolas" que deve merecer da artista uma especial observação — revela a sua capacidade para dar um rumo mais livre e mais pessôal ao seu trabalho artistico.

Maria Dulce, que é apenas pintora, parece ser mesmo só pintora. As suas télas mostram a sua posição de "artista moderna" como geralmente costumam dizer aqueles conservadores que se referem com desagrado às artes plásticas de nosso dias. De fato, se bem que a pintura de Maria Dulce revele um pouco qualquer sujeição ao novo academismo, suas télas têm uma certa frescura agradável, a matéria é sensivel quase sempre, se bem que muitas vezes ficamos tentados a fazer pequenos cortes nas suas composições. Por exemplo: existem marinhas que poderiam ter menos mar ou menos céu — para deixar o plano superior da téla produzir a sua impressão fundamental. Existem planos, em seus trabalhos" que merecem elogios e que se prejudicam por outros menos realizados. A natureza morta é para Maria Dulce uma espécie de disciplina, apezar de "peixes", ser um dos seus trabalhos mais interessantes. "Parque de diversões" tambem é um quadro de sabor popular, como vários outros que formam um conjunto de 25 trabalhos. Reproduzimos uma "natureza morta".

Marina e Maria Dulce são duas artistas que constam do Dicionário de Artes Plásticas organizado por Theodoro Braga, e são expositoras do Salão Nacional de Belas Artes.



UM RETRATO DE MULHER

Dominique Blanchard, filha de Pierre Blanchard, estreou no teatro, em "L'École des Femmes", no "Athénée", com grande sucesso. (Fôto do Serviço Francês de Informação)

PUERICULTURA

MARGARIDA

O rádio tocava uma música suave e Luisa percorria a sala em grandes passadas, o ouvido atento aos ruidos que chegavam do exterior. Se algum carro parava em frente à casa, sentia impetos de abrir a porta. Quando dr. Roberto se instalou na poltrona, Luisa não fez preâmbulos, entrando logo no assunto que a preocupava.

— Ontem recebi a visita de uma antiga colega. Conversamos bastante sôbre meu estado e a maneira de cuidar da criança. Ela partiu e eu fiquei inquieta.

— Houve desentendimento entre as duas, d. Luisa?

— Não. Minha cabeça está cheia de dúvidas. Escrevi uma série de perguntas. Joanita afirmou que a amamentação dependeria do que fizesse agora, durante a gravidez. Até que ponto isso é verdade?

— Sua amiga não se enganou. Nesses meses de espera, deve fazer o firme propósito de amamentar seu filhinho ao seio. A resolução tomada será um grande passo para que isso se realize. Outra providência é a higiene local dos seios: — devem ser lavados diàriamente e os mamilos untados com pomada de cacau para endurecer a pele e evitar rachaduras dolorosas, mais adiante. Vejamos a dúvida seguinte.

— Devo comer por duas pessoas?

— E' exagero, d. Luisa. A alimentação da mulher grávida necessita de orientação. Deve levar ao organismo substâncias que garantam a saúde da mãe e a nutrição do pequenino ser em desenvolvimento.

— Como hei de saber tudo isso, dr. Roberto?

— Olhando com atenção além da quantidade a qualidade dos alimentos, vendo os elementos necessários à criança e escolhendo de preferência alimentos que possuam êsses elementos. Vou explicar melhor: — para a formação de músculos firmes são indispensáveis as proteínas...

— E onde vou descobrir proteínas?

— Na carne, no leite e nos ovos... Para a formação de ossos fortes e dentes sadios são essenciais o cálcio e o fósforo. O ferro é também exigido em grande escala. Não podemos esquecer as vitaminas.

— Sua lista foi grande, dr. Roberto...

— Não fique assustada, poderá encontrar tudo nas verduras e frutas. Nesse terreno a variedade é grande, terá apenas de escolher. Quanto à alimentação precisa ainda observar uma coisa: — não comer demasiado nem apressadamente, guardar certa regularidade nas refeições. Seguindo o conselho, sua digestão será mais fácil e o organismo aproveitará bem os alimentos.

— E a prisão de ventre? Minha amiga disse que era um perigo em meu estado.

— E' verdade. A prisão de ventre torna-se prejudicial porque aumente os tóxicos do organismo, já sobrecarregado em excesso.

Êsses venenos são eliminados pelos rins, intestinos e pela pele. Com uma alimentação rica em legumes e frutas, o uso de líquidos em abundância e exercícios regulares seus intestinos funcionarão normalmente. Havendo qualquer embaraço, existe apenas um caminho — procurar o médico e seguir-lhe a orientação. Não tome providências por conta própria porque podem ter resultados nocivos. Mais alguma pergunta...

Luisa olhou o amigo com desconfiança. Estará aborrecido com o interrogatório? Entrelaçou os dedos com nervosismo e mordeu os lábios.

— Pode falar sem constrangimento, d. Luisa. Continúo à sua disposição.

— Faltam duas coisas: devo abandonar o trabalho? preciso reformar meus vestidos?

— Pode continuar no desempenho de suas tarefas habituais procurando não se fatigar nem levantar pesos. O repouso é muito recomendável durante a gravidez: 8 horas de sono e uma sesta de uma hora ou mais depois do almoço. Dormir com a janela aberta. Um passeio diário ao ar livre trás benefícios extraordinários porque a presença da natureza acalma os nervos cansados.

Houve ligeira pausa.

— Passemos ao vestuário. As roupas amplas e leves, caindo dos ombros, são recomendadas porque não embaraçam a circulação e os movimentos; sapatos cômodos que dêem sensação de segurança e de equilíbrio. Adquirindo os hábitos de que tratamos, pode estar certa de que tudo correrá bem, a senhora chegará ao têrmo da gravidez calma e confiante.

Dr. Roberto tinha razão. Luisa recuperava a tranquilidade perturbada pela ...ta da amiga.

Comemorando o aparecimento de MOMENTO FEMININO, seu corpo redacional ofereceu, na tarde da sexta-feira do seu aparecimento, um coquetel à imprensa. O Instituto dos Arquitetos, que gentilmente cedera sua sala, ficou repleto de jornalistas, escritores, mulheres de várias profissões e trabalhadoras para saudar nosso jornal. O pintor Luciano Mauricio, que ora expõe naquele local, ofereceu a MOMENTO FEMININO um de seus quadros que foi leiloado em benefício de nossa publicação. Em nome de MOMENTO FEMININO, a imprensa foi saudada por nossa redatora Sagramor de Souvero. É dessa agradável festa o cliché acima, onde aparecem, além das redatoras de nosso jornal, convidados, jornalistas e escritores.

HEROINAS DO BRASIL E DO MUNDO

TEREZA MARGARIDA DA SILVA ORTA

O primeiro romance escrito por um brasileiro, data de 1752 e é de autoria de uma mulher. Só um século *depois* essa forma literária aparecia no Brasil com J. Macedo, Teixeira e Souza e Pereira da Silva. Êsse livro chama-se "Aventuras de Diofanes" e sua autora é Teresa Margarida da Silva Orta, nascida em São Paulo em 1711 ou 1712 e falecida em Portugal, mais ou menos em 1787.

Em sua primeira edição o romance chamou-se "Máximas de Virtude e Formusura" e foi assinado com o pseudônimo de Doroteá Engracia Tavareda Dalmira. Já a segunda edição, apesar de guardar o pseudônimo, trazia o título que lhe ficou: "Aventuras de Diofanes."

Teresa Margarida da Silva Orta, filha de pais portugueses, enriquecidos no Brasil, seguiu com a família para Portugal aos cinco anos de idade. De lá nunca mais voltou. "Foi freira no Convento de Trinas onde foi instruída em música, poesia e algumas partes da Astronomia; frequentou grades e portarias, assistiu a Te-Deuns e Lausperennes, a Vésperas e Matinas; confeccionou doces e manjares, derriçou, amou; aos 16 anos, arrostando com tôdas as tempestades familiares, contra tôdas as prerrogativas concedidas pela lei de 13 de novembro de 1651, aplicável a todos aqueles que casassem contra a vontade patriarcal da família, Teresa Margarida conseguiu judicialmente ser arrancada da casa paterna para casar com Pedro Jansen Moler van Praet." Foi por isso deserdada e abandonada pela família. Era irmã do escritor Matias Aires.

Deve-se a um erudito português, Ernesto Ennes, o estudo e o interêsse despertado pela obra da primeira romancista brasileira. Vejamos o que sôbre ela diz um de seus biografos, Tristão de Alaíde:

"O gosto de Tereza Margarida pelas ciências naturais, pelas matemáticas e pela astronomia, tão raro em geral nas mulheres, é, não só o reflexo do espírito do seu tempo, pois certas mulheres cultas do século XVIII o revelaram, mas ainda da influência de Matias Aires. Assim também suas preocupações políticas"... "Como se sabe, Tereza Margarida foi das mulheres mais brilhantes do seu tempo"... "Foi uma das conselheiras secretas de D. José I". "O livro de Tereza Margarida... é um romance didático que tem uma finalidade nitidamente política... Fala ao rei e aos ministros com coragem extraordinária. Traça-lhes normas de justiça, dá-lhes lições de sabedoria na arte de governar, que não são apenas de seu tempo, mas de todos os tempos". "Tereza Margarida poderá, pois, ser inscrita como a iniciadora da legislação social, ao menos teóricamente, em Portugal e Brasil. E o liberalismo economico de Fénelon também encontra guarida em suas páginas." "Seu romance é um documento capital para nossas letras, como expressão do espírito do século XVIII, como iniciador de uma nova fase do pensamento em Portugal e no Brasil (os poetas da Inconfidência estão cheios de conceitos bebidos ou em Tereza Margarida, ou em fontes idênticas às em que ela se desalterou), como precursora do romance social entre nós."

Naturalmente que a simples leitura do "Aventuras de Diofanes" parecerá pesada e difícil. Mas é preciso lembrar que o livro é do século XVIII e sua autora um reflexo da literatura dominante na época. Vejamos frases encontradas em suas páginas:

"Dai inteira liberdade ao comércio com favoráveis direitos e prêmios a quem o aumentar, de sorte que os vassalos sejam ricos e os estrangeiros contentes;"... "favorecei as fábricas e premiai aos que as intentarem, animando-os para que não desmaiem"... Ou ainda êste trecho: "Há muitos políticos que dão arbítrios mais por conveniência própria, que pelo bem público: pois se são ambiciosos procuram só fazer bom o partido de seus interesses: e se vingativos cuidam sempre em satisfazerem os desejos de seus maus corações"...

Tereza Margarida da Silva Orta merece lugar de honra entre as nossas heroinas; é a primeira romancista brasileira e seu livro o primeiro romance aparecido no Brasil.

Modas

EM TODAS AS HORAS

A elegância dêsse vestido de baile é inegavel. Como uma túnica usada pelas gregas antigas essa "toilette" cai até os pés em linhas retas. De traz do decote saem duas enormes faixas que passam sobre os seios e voltam para cair sobre as costas.

O penteado para esse vestido deve ser bem alto e a única joia é um pesado cinto de prata. Sandalias também prateadas. A "toilette" é usada por Renée Faure, da "Comedie Française", interpretando Britannicus. (Féto do S. F. I.)

A mulher que trabalha luta tremendamente para manter sempre vivas e novas as suas "toilettes". E isso não é tão simples cômo parece. Apresentamos hoje uma saia em xadrés com amplas pregas e que faz três "toilettes" diferentes. No modelo 1, ela se faz acompanhar de uma blusa leve de uma côr que combine com a predominante da saia. Blusa de botões e pala em forme de colete. No segundo modelo a blusa é alta fechando no pescoço, para ser usada com um cinto que combine com a côr dos sapatos. E no terceiro o casaco de lã de uma côr, diferente das cores das duas blusas.

Nosso inverno sempre tão benigno não exige que trabalhemos com o casaco e assim teremos no emprego um aspecto elegante e agradavel. E' preciso não esquecer que todo nosso trabalho no escritório ou na oficina, em casa ou na repartição, não deve liquidar nem diminuir nosso encanto de mulher.

Mascara de beleza

Para que sua pele não perca o frescor, seus poros não fiquem abertos e seu rosto guarde a suavidade, quantas e quantas receitas, quantos e quantos tratamentos. A mulher tem tanto o que fazer para manter sua beleza! E o tempo é tão curto, os problemas do ganha-pão, da vida cara, da falta d'agua, envelhecendo-a mais cêdo, as preocupações diárias absorvendo-a e sua beleza caindo para um plano secundário.

Este é o mundo de hoje e para vivê-lo são heroinas as mulheres.

Não esquecendo o dever de toda mulher quanto à beleza, apresentamos aqui a receita de uma máscara que suavizará sua pele, que fechará seus poros.

Ponha de molho, nagua, durante uma hora, uma colher de sopa de aveia. Prepare com ela uma pasta com uma gema de ovo. Meza demoradamente e ponha depois três gotas de limão e uma colherinha de mel de abelha.

Passe no rosto como se estivesse fazendo uma máscara e fique com ela até que seque. Lave depois o rosto primeiro com agua quente e depois com agua fria.

E sua beleza ficará realçada pela suavidade de sua cutis.

Você está cansada do seu «tailleur»?

Você imaginou que com um pouquinho de geito e bom gosto pode transformar diariamente o seu "tailleur"? Quando o inverno chega ao fim e as "finanças" andam mal, você já está cansada de bater diariamente o seu "tailleur", não sabe mais o que fazer dele. O sempre a mesma coisa não é feminino. Experimente estes conselhos:

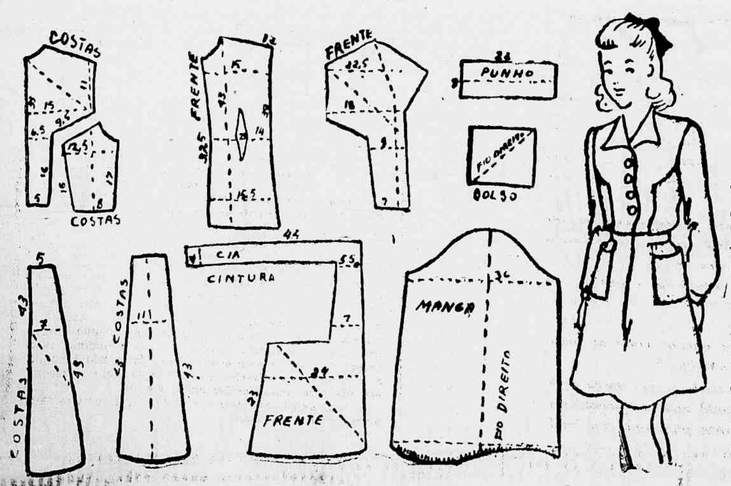
1) com uma grega escossêsa ou mesmo uma fita, você o modificará inteiramente como se vê na figura 1;

2) tire essa grega e faça em lã um bordado grosso como na figura 2;

3) tire as linhas retas do "tailleur" dando-lhe curvas, corte as mangas como no modêlo 3.

E consulte ainda a sua imaginação que naturalmente acabará encontrando outras formas para que seu "tailleur" velho pareça sempre moço

Um molde para sua filhinha



Faça para a sua menina bonita que apesar de só ter onze anos já gosta de vestir coisas elegantes, o modelo que ora apresentamos em lã escossêsa beije, marron e verde. A lã, neste invern, não está muito cara e há padrões belíssimos.

O vestidinho é fechado na frente com botões marrons. A golinha da mesma fazenda pode ter como sobressalente uma outra gola de fustão branco. A blusa, (isso depende de seu gosto) pode ser feita com a fazenda atravessada, contrastando com a saia, ou ainda a saia atravessada com a blusa seta.

Experimente o nosso molde.

Cuide de seu sorriso

Os poetas cantam o sorriso das mulheres mas para que elas possam sorrir alegremente devem cuidar, e muito, de seus dentes. Para que seu sorriso seja bello não esqueça que são necessários cuidados especiais. Não deixe de ir anualmente ao seu dentista. Faça uma vez por ano um cuidadoso exame reprimindo as "avarias". Depois de cada refeição é muito aconselhável escovar os dentes e de noite antes de dormir nunca deixe de o fazer assim como de passar um fio mercerizado entre êles a fim de retirar todos os detritos que, fermentando, poderão causar-lhe avarias. Escove a parte interna dos dentes da mesma forma que a externa e passe a escova verticalmente. Lembre-se que o escovar em sentido horizontal estraga o esmalte. Uma vez por semana enrole um palito com algodão, molhe no iodo e queime suas gengivas interno e externamente. Por favor não entuque seus dentes com alfinetes, não ponha na boca coisas de aço, não abra com os dentes vidros e latas.

Cuide de seu sorriso e não esqueça que sorri melhor quem tem bons dentes.

Educação física

Por LYGIA MARIA LESSA BASTOS

A educação física feminina ainda não foi convenientemente regulamentada no Brasil. Deve-se observar, porém que a deficiência da legislação vigente, a êsse respeito, decorre justamente do seu caráter geral, pois as leis são elaboradas para serem aplicadas indiferentemente aos indivíduos de ambos os sexos.

Ora, em educação física, isso tem sido prejudicial à mulher a qual, perante a lei, só está obrigada a frequentar as aulas de educação física durante o período escolar e sabe-se que as ministradas nos educandários são deficientíssimas, até mesmo nos internatos, tanto pelas dificuldades horárias quanto pela carência de instalações. O certo é que raramente os estudantes praticam exercícios físicos três vêzes por semana. Comumente os horários só consignam semanalmente, duas horas para êsse fim.

No que diz respeito ao sexo masculino, pode ser que isso seja suficiente, porque geralmente os rapazes se dedicam a atividades esportivas extra-escolares e, atingida a idade legal, vão receber, com a instrução militar, a educação física conveniente.

O caso da mulher, porém, é diferente. Não só a educação física escolar é diferente, como milhares de criaturas que não frequentam cursos ficam privadas dêsse benefício.

Mas se a mulher está também sujeita ao serviço militar, de acôrdo com o disposto no parágrafo único do art. 1.º do Dec. Lei 1.187 de 4-4-39, não há razão para que se não aplique a ela o disposto no parágrafo único do art. 164 da Constituição, que exige, aos candidatos a funções públicas, a prova de quitação quanto às obrigações e aos encargos que lhes cabem com a segurança nacional.

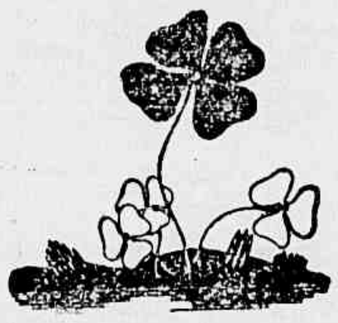
Aos homens, como prova de quitação, se exige o certificado de reservista, no qual está implicitamente incluido o de educação física. As mulheres, muito razoàvelmente se poderia exigir para aquêle fim a apresentação do certificado de educação física secundária (2.º grau).

Quer os clubes esportivos, quer os estabelecimentos de ensino que disponham de professores diplomados pela E. N. E. F. ou institutos congêneres a ela equiparados, poderiam, justamente, como é feito com relação ao serviço militar, ser considerados centros de educação física para aquela finalidade.

Quando foram mobilizadas muitas brasileiras para o Serviço de Enfermagem e para o de Defesa Passiva, houve necessidade de submetê-las a prévio treinamento físico intensivo e quase tôdas receberam então as primeiras noções de educação física.

A lei do serviço militar só estará sendo integralmente cumprida no dia em que todos os brasileiros de ambos os sexos tenham recebido a preparação necessária para o desempenho dos pesados encargos que lhes couberem, por efeito de uma mobilização.

Demais, a obrigatoriedade da educação física feminina despertará nas moças brasileiras maior gôsto pelas práticas desportivas.

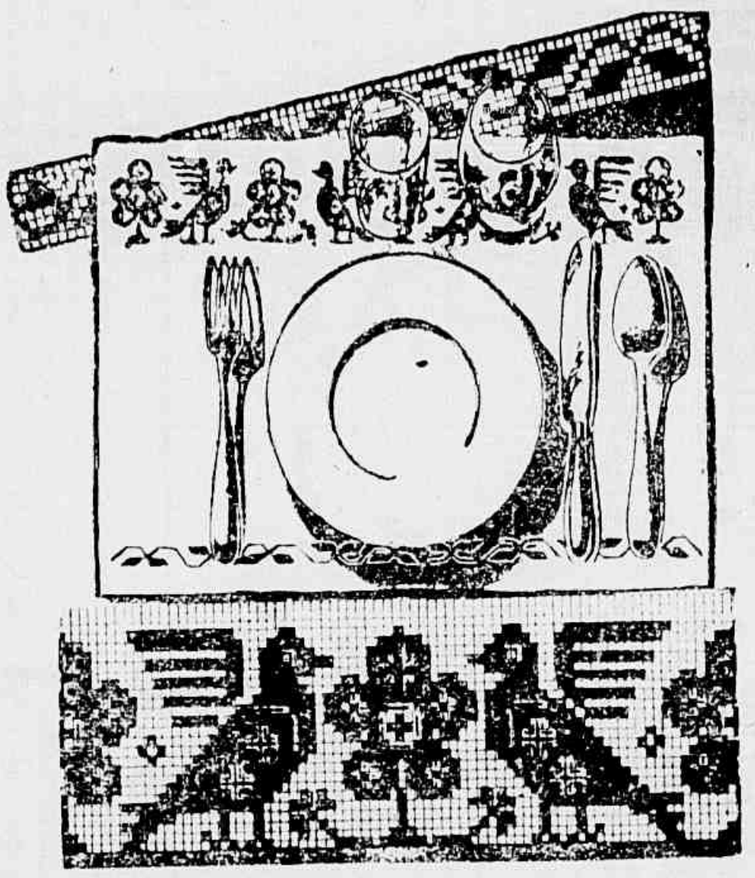


Trevo de Quatro Folhas

O trevo da felicidade pode ser encontrado pelo seu próprio trabalho, na construção de um sólido futuro para os seus. E o seguro de vida, na Sul América, é a melhor garantia de tranquilidade futura, para o Snr. e para os seus. Consulte o Agente da Sul América, sem compromisso, para saber qual o plano de seguro que mais se adapta ao seu caso particular.

Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



Trabalhos de Agulha

As toalhas individuais no serviço de jantar estão muito em moda. Dão uma certa graça numa mesa bem arranjada. As grandes são geralmente dispendiosas e daí a aceitação e a preferência que os pequenos guardanapos vêm mantendo.

O ponto de cruz é de fácil execução e não exige uma cérta prática para que fique bem feito. Corta-se o pano no tamanho e fas-se uma bainha de laçada em volta. Depois alinhava-se uma tira de talagarsa que comporte o desenho e o bordado, de acordo com o risco que pode ser feito em algumas côres. Exemplo — um pássaro pode ser azul forte com enfeites em azul claro; uma árvore verde fôlha com flôres vermelhas. Em pano branco ou creme. Uma segunda barra com as fôlhas em azul e vermelho (uma de cada côr) e os talos verdes. O tom do verde fôlha não deve ser vivo. Terminado o bordado corta-se a talagarsa sem amarrotá-lo, com certo cuidado.

O mesmo motivo pode ser feito em tons claros, nas mesmas côres.

Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41

Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL
MOLÉSTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

Dr. Campos da Paz Filho

Ginecologista
Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 46-7850 36-5056

HOTEL GRANJA ITATIAIA

(RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios aprazíveis, escalada às Agulhas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 32 - 2º Fone: 28-4295.

A LETRA REVELA A PESSOA!

Crépieux-Jamin em um de seus tratados, relata um fato interessante. Tendo feito o retrato grafológico de um amigo, em 1885, quando ainda estudante em Genebra, entre outras qualidades excepcionais, descobriu no seu amigo "uma inteligência muito viva, um caráter reto e ativo, revelando também uma organização superior. Perspicácia, senso crítico desenvolvido, confundindo-se, às vezes, com o espírito de contradição. Isto é, mudando fàcilmente de opinião ao discutir, em virtude do sincero desejo de esclarecer-se. Observação firme e sustentada. Ideação clara, poder-se-ia dizer luminosa, a par de expressão sória e precisa."

Ao [illegible] em [illegible] os estudos, em 1889, êsse retrato grafológico, do qual extraimos o pedaço acima, Crépieux-Jamin ouvia de várias pessoas "Mas quem é êsse homem tão perfeito?" Mais tarde, essas mesmas pessoas e outras mais, centenas, diz êle, acharam muito modestas essas apreciações do grafólogo. Porque? Porque a letra estudada era a de PAUL MORIAUD, cujo renome se filmou por ocasião da questão Dreyfus, como testemunha do processo Zola. A sua carreira brilhante está documentada numa publicação da "Revue [illegible], 1 vol. in 4º de 78 pgs. Champion & Cia. Edit. - Paris. Com efeito, as qualidades reconhecidas pela grafologia, no tímido estudante em Genebra, fortaleceram-se com a experiência da vida, demonstrando sempre mordaznente uma bela pujança e um domínio personalíssimo, envolto no encanto de uma consciência pura e serena. Paul Moriaud foi professor de Direito, vice-reitor da Universidade de Genebra, presidente de tribunais de árbitros internacionais e doutor "honoris causa" da Universidade de Estrasburgo. Isso comprova, querida leitora, que de fato a letra revela a pessoa.

*

PRINCEZA — Você é de fato granfina — e gosta de frisar ambientes, de intelectuais e de artistas. Gosta de salões iluminados e floridos — um tanto por exibicionismo e outro tanto por senso estético. Mas detesta as fontes dolorosas que inspiram os poetas e os artistas em geral. A miséria, a pobreza, os ambientes anti-higiênicos e sombrios — essas coisas você as quer bem longe. Sensibilidade extrema. Bondade sem rumo e sem efeito, espécie de caridade que retroage em benefício do próprio autor.

ANÔNIMA — Infelizmente não é possível fazer a sua grafologia — você não assinou — e é na assinatura que está o "it" da personalidade. Porque não prestou atenção nas explicações contidas no "coupon"? Falta de tempo?

NAL — Sua letra é a de um autêntico "enfant gaté" a quem não faltaram todos os carinhos e facilidades. Mas não é muito conformada com o "tudo" que já tem. Ambiciosa e egoista não deixa de ser também um pouquinho invejosa. Sua tendência é: — intelectual.

DISCRETO — Que artista na "blague"! Que pirata! Sua letra revela, exatamente, que seus sentimentos são sinuosos e inconstantes — mas gosta de comodidade e conforto, como um lorde!

FLOR DO CAMPO — Serenidade e confiança. Superficialidade. Gôsto da vida como é — vária e risonha — sem complicações. Sem guerra e sem nazismo. Um tanto frívola e volúvel no amor. Mas, honesta e bem intencionada.

GIOSE — Você é menos fútil do que pretende parecer. E' uma mulher que pensa, seriamente, e sabe sentir os dramas da vida. Tem sofrido — mas deseja parecer venturosa. Decepcionada, não se abate. E seu ânimo forte e sereno conquista vitórias constantes.

MITRA — Apesar de faltar o coupon, aqui vai o seu retrato grafológico: — Uma inteligência clara e uma honestidade exemplar. Sua aspiração suprema é a união com a outra metade que lhe falta: — um amável companheiro, que a compreenda e adore, e a ajude a viver com a grande liberdade do século. — E' ocupadíssima e tem grande mobilidade de pensamento.

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome .....

Pseudonimo .....

Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

Escreve-nos uma senhora, mãe de família, para explicar o seu caso pessoal, o qual poderá ser idêntico ao de muitas mulheres. Se não vejamos:

— "Casada há vários anos, viu-se, de repente, obrigada a sair do seu lar, em virtude do baixo procedimento moral do marido. Não exercendo ela nenhum emprêgo público ou particular, tendo vivido até aquela data como senhora de prendas domésticas, deseja saber se tem direito a pensão alimentícia".

— A nossa Lei Civil estabelece que ao marido "cabe prover à mantença da família" (mulher e filhos) mas especifica também que a obrigação de sustentar a mulher cessa quando ela abandona, sem motivo justo, a habitação conjugal e a esta recusa voltar".

Ora, no caso presente, a mulher foi forçada a sair de casa porquanto o esposo, em vez de "desenvolver todos os esforços de que é capaz a fim de tornar suave a vida da mulher e dos filhos" antes procurou torturá-los moralmente, exorbitando dos direitos que a sociedade lhe faculta como chefe da sociedade conjugal. Assim sendo está obrigado à prestação de alimentos à mulher, prestação essa que será fixada de acôrdo com os vencimentos do marido e as necessidades da mulher. Os tribunais brasileiros assim têm decidido.

Amiga consulente, agora um conselho: procure imediatamente a Justiça Gratuita de uma das Varas de Família, à rua Dom Manuel n. 25, a fim de cobrar a sua pensão alimentícia, mas procure, também, se ainda é jovem, um trabalho que lhe garanta a sua subsistência, a fim de o mais cedo possível libertar-se dessa prestação a que será obrigado o seu marido, por fôrça de lei.

Caso o casal possua bens, é necessário que promova o desquite para receber a parte que lhe pertence legalmente.

III

Sylvinet não quis ouvir êsse pedido; se bem que tivesse o coração mais terno que Landry para seu pai, sua mãe e sua irmãzinha, êle temia deixar-se dominar pelo seu querido irmão gêmeo.

Depois de terem discutido bastante, tiraram a sorte com um feixe de palha, em que havia uma palha mais curta do que as demais. E essa caiu para Landry. Sylvinet não se satisfez com a prova, e quis tentar "cara ou côroa" com uma moeda de níquel. Tirou três vezes "cara", e era sempre Landry quem devia partir.

—— "Bem vês que é a sorte quem quer — disse Landry — e sabes que não se deve contrariar a sorte."

No terceiro dia, Sylvinet ainda chorava muito, e Landry quase não chorava mais. A primeira idéia da partida talvez lhe tivesse causado mais desgôsto do que ao irmão, porque tinha sentido melhor a extensão de sua coragem e não fechara os olhos à impossibilidade de resistir aos pais; mas, de tanto pensar em seu sofrimento, acabara por gastá-lo mais depressa, e, além disso, convencera-se pelo raciocínio; Sylvinet, porém, de tanto se afligir, não tivera a coragem de procurar convencer-se. Dessa forma, Landry já estava completamente decidido a ir embora, enquanto Sylvinet não se decidira ainda a vê-lo partir.

Além disso, Landry tinha mais um pouco de amor próprio do que o irmão. Tantas vezes escutara dizer que cada um dêles nunca seria senão a metade de um homem, se não se habituassem a separar-se, que Landry, já começando a sentir o orgulho de seus quatorze anos, tinha sempre o desejo de provar que não era mais uma criança. Fôra sempre êle o primeiro a persuadir e a arrastar o irmão, desde a primeira vez em que tinham ido buscar um ninho no tôpo de uma árvore até aquele momento. Conseguiu, portanto, tranquilizá-lo ainda naquela ocasião, e à noite,

quando voltaram para casa, declarou que se submetiam ambos ao dever, que tinham tirado a sorte e que a êle, Landry, é que cabia ir guiar os grandes bois da Priche.

Embora os gêmeos já fossem tão grandes e tão fortes, o pai Barbeau sentou-os nos joelhos e assim lhes falou :

——— "Meus filhos, ei-los chegados à idade da razão; reconheço-o por êsse ato de obediência, e estou contente. Lembrem-se de que, quando os filhos dão uma alegria aos pais, dão ao mesmo tempo uma alegria a Deus Nosso Senhor, lá no céu, que os recompensará cêdo ou tarde. Não quero saber qual foi de vocês dois o que se resignou primeiro. Mas Deus o sabe, e há de abençoar a êste por ter sabido falar, como abençoará também ao outro por ter sabido escutar."

Depois disso, conduziu-os à presença da mãe, para os felicitasse; mas a mãe teve tanta dificuldade em reter as lágrimas, que não disse uma palavra, e se contentou em beijá-los.

O pai Barbeau, que nada tinha de tôlo, sabia qual dos dois era o que o tinha mais coragem, e qual o que tinha mais apêgo. Não quis deixar esfriar a bôa vontade de Sylvinet, pois estava vendo que Landry decidira tudo por si, e que só uma coisa seria capaz de demovê-lo : o desgôsto do irmão. Assim, acordou Landry antes do nascer do dia, tendo o cuidado de não sacudir o irmão, que lhe dormia ao lado :

——— "Vamos, garoto — disse-lhe baixinho — devemos partir antes que tua mãe te veja, porque sabes como ela se aflige, e é preciso poupar-lhe a despedida. Vou te acompanhar à casa de teu novo patrão, e carregar teus embrulhos."

— "Não posso dizer adeus a meu irmão ? — perguntou Landry. — Êle ficará sentido se eu fôr embora sem o avisar".

——— Se teu irmão acordar e te vir partir, vai chorar tanto que acordará tua mãe, e tua mãe há de chorar ainda mais por ver a aflição de ambos. Vamos, Landry, és um menino de coração muito grande, e não hás de querer que tua mãe caia doente por tua causa. Faz teu dever até o fim, meu filho; parte como se nada fosse. Esta tarde levo-te lá o teu irmão, e como amanhã é domingo, virás visitar tua mãe logo ao amanhecer.

Landry obedeceu valorosamente e atravessou a porta da casa sem olhar para trás. A mãe Barbeau não estava tão adormecida nem tão quieta que não tivesse ouvido o que o marido dizia a Landry. Mas, sentindo que o marido tinha razão, a pobre mulher não se mexeu e contentou-se em afastar um pouco o cortinado da cama para vêr Landry sair. Sentiu o coração tão apertado, que pulou da cama para ir beijá-lo, mas

parou diante do leito dos gêmeos, onde Sylvinet estava mergulhado num sono profundo. O pobre menino chorara tanto naqueles três dias e quase três noites, que estava abatido pelo cansaço, e talvez mesmo febril, pois se virava e revirava no travesseiro, soltando suspiros fundos e gemendo sem poder acordar.

Então, vendo o único de seus gêmeos que lhe restava, a mãe Barbeau não pôde deixar de pensar que êste é o que ela teria visto afastar-se com mais tristeza. O certo é que êle era o mais sensível dos dois, quer tivesse o caráter mais fraco, quer porque Deus, na sua lei da natureza, tivesse escrito que, quando duas pessoas se querem, de amor ou de amizade, sempre há de haver uma que dá o coração mais do que a outra. O pai Barbeau sentia um pouquinho de preferência por Landry, porque dava maior importância ao trabalho e à coragem do que aos carinhos e às atenções. Mas a mãe sentia êsse pingo de preferência pelo mais gracioso e meigo, que era Sylvinet.

Ficou, portanto, a olhar para seu pobre garôto, tão pálido e abatido, e a dizer consigo mesma que teria sido uma pena mandarem-no já para um emprêgo; que seu Landry tinha mais fibra para suportar as canseiras e que, aliás, a amizade pelo irmão gêmeo e pela mãe não o domina a ponto de o deixar em perigo de adoecer. E' uma criança que tem uma alta idéia do dever — pensava ela — mas, de qualquer forma, se não tivesse o coração um pouco duro, não teria partido assim sem protestar, sem virar a cabeça e sem derramar uma lágrima que fôsse. Não teria tido a fôrça de dar dois passos sem se lançar de joelhos para pedir coragem a Nosso Senhor, e teria chegado perto de minha cama, onde eu fingia estar dormindo, sòmente para me olhar e beijar a ponta de meu cortinado. Meu Landry é mesmo um verdadeiro rapaz. Só quer viver, movimentar-se, trabalhar e ir de um lado para outro. Mas êste tem um coração de moça; é tão terno e tão doce que a gente não pode deixar de gostar dêle como da luz dos olhos.

Assim conversava consigo mesma a mãe Barbeau, voltando para a cama, onde não conseguiu tornar a adormecer, enquanto o pai Barbeau levava Landry por prados e pastagens, em direção a Priche. Quando chegaram a uma pequena elevação, de onde, assim que se começa a descer, não se vêem mais as construções da Cosse, Landry parou e voltou-se. Sentiu o coração tão cheio, que não pôde dar mais um passo, e sentou-se na relva. O pai fingiu não ter visto nada, e continuou a caminhar. Um instante depois, chamou-o carinhosamente, dizendo-lhe:

— Já está clareando, meu Landry; vamos depressa, se quisermos chegar antes do nascer do sol."

Landry ergueu-se, e como tinha feito a si mesmo o juramento de não chorar diante do pai, enguliu às lágrimas, que lhe chegavam aos olhos grossas como grãos de ervilha. Fez como se tivesse deixado cair o canivete do bolso, e chegou a Priche sem ter mostrado sua angústia, que no entanto não era pequena.

IV

Vendo que, dos dois gêmeos, traziam-lhe o mais forte e mais diligente, o Pai Caillaud ficou todo satisfeito de recebê-lo. Êle sabia que as coisas não se tinham resolvido sem desgôsto, e como era um bom homem e um bom vizinho, muito amigo do pai Barbeau, fez o que pôde para estimular e agradar o rapazinho. Mandou que lhe servissem depressa um prato de sopa e um caneco de vinho para lhe pôr o coração no lugar, porque não era difícil perceber que estava cheio de aflição. Em seguida, levou-o para amarrar os bois, e ensinou-lhe o modo como o fazia. Na realidade, Landry não era noviço nessa tarefa, pois seu pai possuía uma bela parelha de bois, que muitas vezes amarrava e conduzira às mil maravilhas. Assim que a criança viu os grandes bois do pai Caillaud, que eram os mais bem tratados, mais bem alimentados e os de raça mais pura em tôda a região, sentiu comichões em seu orgulho por ter uma tão magnífica parelha na ponta de sua vara. Além disso, estava contente de mostrar que não era desajeitado nem covarde, e que não tinham nada de novo a ensinar-lhe. O pai não perdeu a oportunidade de valorizar suas habilidades, e quando chegou o momento de partir para os campos, todos os filhos do pai Caillaud, rapazes e raparigas, grandes e pequenos, foram abraçar o gêmeo, e a mais nova das meninas amarrou-lhe uma braçada de flores com fitas no chapéu, porque era seu primeiro dia de serviço, e como que um dia de festas para a família que o recebia. Antes de deixá-lo, pai lhe fez recomendações em presença do novo patrão, aconselhando-o a que lhe obedecesse em tôdas as coisas e que tomasse conta do gado, como se se tratasse de propriedade sua.

Depois disso, tendo prometido fazer tudo como melhor pudesse, Landry partiu para a lavoura, e durante todo o dia prestou bons serviços e portou-se bem, e de onde voltou trazendo grande apetite, pois era a primeira vez que executava um trabalho tão pesado, e um pouco de fadiga é remédio soberano contra os desgôstos.

Mas êsse dia foi mais difícil de passar para o pobre Sylvinet, na

Bessonière (1) — porque é preciso contar que a casa e a propriedade do pai Barbeau, situadas no burgo da Cosse, tinha tomado êsse nome desde o nascimento dos gêmeos e porque, pouco tempo depois, uma criada tinha pôsto no mundo um par de gêmeos, que não vingara. Ora, como os camponeses têm o hábito de dar apelidos, a casa e a terra tinham recebido o nome de Bessonière, (1) e em todo canto aonde surgissem Sylvinet e Landry, a criançada não perdia a ooprtunidade de gritar: "Aqui estão os "bessons" da "Bessonière"!

Assim, fora de grandes tristezas aqule dia na Bessoniyre do pai Barbeau. Ao acordar, não encontrando o irmão a seu lado, Sylvinet desconfiou logo da verdade, mas não pôde acreditar que Landry tivesse partido assim, sem lhe dizer adeus; e sentiu-se zangado com o irmão, no meio de seu desgôsto:

— Que fiz eu a êle, — perguntou à mãe — em que foi que o descontentei? Cedi a tudo quanto êle me aconselhou fazer; e quando êle me recomendou que não chorasse diante da senhora, minha mãe querida, eu me contive para não chorar, e minha cabeça parecia estourar com êsse esfôrço. Prometeu-me que não iria embora sem me dizer ainda palavras que me dessem coragem, e sem almoçar comigo na ponta da Chebevière, no lugar onde tínhamos o costume de ir conversar e brincar. Queria ajudá-lo a arrumar suas coisas; e pensava em lhe dar minha faca, que é melhor do que a dêle. A senhora, então, fez seus embrulhos ontem à noite, sem me dizer, minha mãe? A senhora sabia que êle queria ir embora sem me dar adeus?

— Fiz a vontade de teu pai — respondeu a mão Barbeau.

E disse-lhe tudo quanto pôde imaginar para consolá-lo, mas êle não queria escutar. Foi só quando viu que a mãe também estava chorando que começou a beijá-la, a pedir-lhe perdão por ter aumentado sua aflição, e a prometer ficar sempre com ela para compensá-la. Mas assim que ela o deixou para atender aos cuidados do galinheiro e do tanque, êle partiu correndo para o lado da Priche, sem mesmo saber para onde ia, mas se deixando arrastar por seu instinto, como um pombo que segue atrás da pomba sem se enganar no caminho.

Teria ido até a Priche, se não tivesse encontrado o pai, que de lá tornava, e que o tomou pela mão para levá-lo de volta, dizendo-lhe:

---

(1) *Besson — é um têrmo regional francês que significa* gêmeo. *Assim, Bessonière vem a ser a casa dos gêmeos, a terra dos gêmeos. E' expressão intraduzivel.*

— Iremos hoje à tarde, mas não deves perturbar teu irmão enquanto estiver trabalhando, isso aborreceria o patrão. Aliás, a mulher de nossa casa está numa grande aflição, e conto contigo para a consolar.

V

Sylvinet voltou a pendurar-se às saias da mãe como uma criancinha, e não arredou pé de seu lado o dia inteiro, falando-lhe sempre de Landry e não podendo deixar de pensar nele ao passar por todos os cantos e recantos por onde tinham o hábito de passar juntos.

À tarde, foi a Priche com o pai, que quis acompanhá-lo. Sylvinet estava como louco de vontade de abraçar o irmão, e nem tinha podido jantar, tal era a sua pressa de partir. Contava em que Landry estivesse no caminho à sua espera, e parecia-lhe a cada instante que ia vêr o irmão correndo ao seu encontro. Mas, apesar de seu desejo de ir ter com êle, Landry contivera-se. Temia que os rapazes e os meninos da Priche caçoassem dêle por causa dessa amizade de gêmeos que era considerada como uma espécie de doença. E assim, Sylvinet encontrou-o à mesa, comendo e bebendo como se tivesse passado a vida inteira com a família Caillaud.

Mal o viu entrar, porém, o coração de Landry pulou de alegria, e, se não se contivesse, teria derrubado a mesa e o bando para o abraçar mais depressa. Mas não o ousou, porque seus patrões o observassem, prontos para achar graça nessa amizade, em que viam uma coisa nova e um fenômeno da natureza, como dizia o professor do lugar.

Portanto, quando Sylvinet se atirou chorando em seu braços, para beijá-lo e se apertar de encontro a êle, como um pássaro dentro do ninho se aconchega ao irmão à procura de calor, Landry ficou aborrecido por causa dos outros, ao mesmo tempo que não podia deixar de se sentir contente. Mas queria parecer mais ajuizado do que o irmão, e fazia-lhe de vez em quando sinal de que se contivesse, o que espantou e contrariou Sylvinet. Nesse meio tempo, o pai Barbeau começou a conversar e a beber alguns goles com o pai Caillaud; então os gêmeos saíram juntos. Landry estava disposto a amar e acariciar o irmão como em segrêdo. Mas os outros garotos os observavam de longe; e a pequena Solange, que era a mais nova das filhas do pai Caillaud, esperta e curiosa como um verdadeiro pardal, seguiu-os em passinhos miúdos até dentro da granja, rindo com um jeito envergonhado quando êles lhe prestavam atenção, mas não

desistindo de perseguí-los, porque imaginava que ia ver qualquer coisa singular, e não sabendo, entretanto, o que pode haver de surpreendente na amizade de dois irmãos.

Embora espantado pelo ar tranquilo com que o irmão o abordara, Sylvinet não pensou, entretanto, em repreendê-lo, de tal forma estava contente de tê-lo a seu lado.

No dia seguinte, Landry, sentindo que era dono de seu tempo, pois que o pai Caillaud o dispensara de qualquer obrigação, partiu tão cêdo que pensou surpreender o irmão ainda na cama. Mas embora fosse o mais dorminhoco dos dois, Sylvinet acordou no momento em que Landry atravessava a porteira, e correu descalço pelo caminho, como se uma coisa lhe dissesse que o gêmeo se aproximava. Foi para Landry um dia de perfeito contentamento. Tinha prazer em tornar a ver a família e a casa, desde que soubera que não as veria diàriamente e que isso representava para êle uma recompensa. Sylvinet esqueceu tôda tristeza até metade do dia. Ao almôço, tinha pensado que jantaria com o irmão; mas quando acabou o jantar, pensou que a ceia seria a última refeição, e começou a ficar inquieto e preocupado. Cuidava do irmão e acarinhava com todo coração, dando-lhe o que havia de melhor para comer, a crôsta de seu pão e as mais tenras folhas de alface de sua salada. Depois, preocupava-se com sua roupa e seu calçado, como se o irmão tivesse de partir para muito longe e como se merecesse muita compaixão, sem perceber que êle é quem era mais digno de pena, porque era o mais aflito.

VI

A semana se passou da mesma forma, Sylvinet indo ver Landry todos os dias e Landry parando um instante a seu lado, quando vinha para as bandas da Bessonière; Landry estava cada vez mais conformado, e Sylvinet cada vez menos, contando os dias e as horas, como uma alma penada.

Só uma pessoa no mundo tinha o poder de persuadir Sylvinet, e era Landry. Por isso, a mãe recorreu a êle para pedir que acalmasse o irmão, porque a aflição do pobre menino aumentava dia a dia. Não brincava mais, e só trabalhava quando lhe mandavam; levava ainda a irmãzinha a passeio mas quase sem lhe falar, sem pensar em distraí-la, cuidando apenas de evitar que caisse e se machucasse. Assim que tiravam os olhos de cima dêle, ia embora sòzinho e se escondendo tão bem

que ninguém sabia onde encontrá-lo. Entrava em todos os fossos, em tôdas as valas, em tôdas as grutas onde tinha o hábito de brincar com Landry, sentava-se nas raizes onde se tinham sentado juntos, punha os pés em todos os regatos onde tinham patinhado como dois verdadeiros marrequinhos; ficava contente com qualquer pedaço de páu que Landry tinha talhado com seu serrote ou alguma pedra de se servira para jogar ou fazer de isqueiro. Recolhia-os e escondia-os no buraco de algum tronco de árvore ou debaixo de um pé de ervilhas, para ir buscá-los e olhar para êles de vez em quando, como se fossem coisas de importância. Ia sempre recordando o passado e puxando pela cabeça para encontrar pequenas lembranças de sua felicidade perdida. Essas coisas nada teriam representado para um outro e para êle eram tudo. Não se preocupava com os tempos futuros, não tendo coragem de pensar numa série de dias iguais aos que estava suportando. Pensava apenas no tempo passado, e se consumia num contínuo devaneio.

Às vezes, imaginava estar vendo e ouvindo seu gêmeo, e falava sòzinho, julgando responder-lhe. Ou então pegava no sono, no lugar em que se achava, e sonhava com êle, e ao acordar, chorava por se vêr sòzinho, não contando as lágrimas nem procurando contê-las, porque confiava que o cansaço teria afinal a fôrça de gastar e esgotar seu sofrimento.

Uma vez que tinha ido vagar até a serraria de Champeaux, encontrou no regato que sai do bosque na época das chuvas, e que estava agora quase sêco, um dêsses moinhos que as crianças de nossa terra têm o costume de construir com gravetos, e que são tão habilmente armados que giram na correnteza da água, onde permanecem às vezes muito tempo, até que outras crianças venham destruí-los ou que as cheias os arrastem. O que Sylvinet encontrou, intacto e perfeito,estava lá há dois meses, e como o lugar era deserto, não tinha sido visto nem estragado por ninguém. Sylvinet reconheceu-o. Era obra do irmão. Ao construí-lo, tinham planejado voltar para vê-lo, mas depois não tinham mais pensado nisso, e desde então tinham construido muitos outros moinhos em outros lugares.

Sylvinet ficou todo contente em encontrá-lo, e levou-o um pouco mais para diante, lá onde o regato juntara suas águas para vê-lo girar e recordar a alegria com que Landry lhe tinha dado o primeiro impulso. Deixou-o, depois, antegozando o prazer que teria de voltar alí, no primeiro domingo com Landry, para lhe mostrar como o moinho tinha resistido, por ser sólido e bem feito.

Mas não pôde conter-se e voltou lá no dia seguinte, encontrando a

MURILO MENDES — POESIA LIBERDADE. Poemas escritos nos duros anos de 1943 a 1945, em plena guerra, Murilo Mendes que "se sente amigo do mundo" que vê "os campos serenos perderem a frescura", "pássaros com gargantas de granada e mãos de aço" extravasa em sua poesia aquela época tão dolorosa.

Murilo Mendes é um dos maiores poetas do Brasil atual e sua poesia é sempre um grito de angustia e de emoção.

★

POESIAS — RAUL BOPP. O poeta de "Cobra Norato" hoje diplomata vivendo longe do país, manda-nos da Suiça um livro de poesias onde se encontra o antigo Bopp da Antropofagia, o mesmo poeta encantador.

★

NOITE ESCURA — JOÃO RUBEM — contos. E' um dos novos pela técnica e, pela idade que Portugal nos apresenta. Seus contos são agradáveis, leves, pequenas cenas portuguesas com fatos que refletem bem a tragédia dêsse povo.

ASSINE A

Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º - Rio de Janeiro

Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à "TRIBUNA POPULAR"), na importância de Cr$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR).

Nome ..... Endereço .....

Município ..... Estado .....

ANTOLOGIA DE ARTISTAS PLÁSTICOS

Direção QUIRINO CAMPOFIORITO

E. P. Sifaud (Pintor) ..... Cr$ 12,00
Alfredo Galvão (Pintor) ..... Cr$ 12,00

No prelo: HONORIO PEÇANHA

EMPRÊSA DE LEITURA E PUBLICIDADE LIMITADA

CAIXA POSTAL 2013 — RIO DE JANEIRO

Doces de leite condensado

Damos, a seguir, três receitas fáceis e práticas, que podem ser executadas com uma lata de leite condensado.

1.º — Doce de leite. — Arranca-se todo o papel que serve de envoltório à lata, lava-se esta muito bem, e mergulha-se na panela em que estiver cozinhando a sopa ou o feijão. Deixa-se a lata no fogo, dentro da panela, cêrca de hora e meia (se se gostar de ponto mais apertado, pode-se deixar pelo espaço de duas horas). Está pronto o doce. E' só abrir e servir... e verão que delícia!

2.º — Doce de leite condensado com chocolate. — Abre-se a lata de leite condensado e derrama-se uma pequena parte de seu conteúdo em uma penela onde se tenha pôsto duas colheres rasas de sopa de chocolate em pó. Desmancha-se bem o chocolate, impedindo que fique embolado, e deita-se o resto da lata. Leva-se ao fogo, mexendo-se sempre, até despegar do fundo da panela. Pode-se servir tal qual, em compoteira, mas fica mais bonito e mais gostoso se se enrolar na mão, com açucar, fazendo docinhos individuais, que colocados em forminhas de papel, formam uma gulodice deliciosa e um pratinho lindo. São muito apreciados êsses docinhos em festas infantis. Recomendamos que, nesse caso, dobrem ou tripliquem a dose...

3.º — Doce de leite condensado e ovos — Esta última receita é um pouco mais cara, pois exige de três a quatro gêmas de ovos para cada latinha de leite condensado. Misturam-se as gêmas ao leite condensado, e leva-se ao fogo brando, mexendo sempre, até tomar ponto, isto é, até despegar do fundo da panela. Procedam como na receita anterior, enrolando os docinhos na mão, com açucar em pó.

Desta vez você conhece

SAGRAMOR DE SCUVERO

Sagramor de Scuvero

E conhece muito. O nome dêle é Manoel Barcelos. Outro dia um programa de rádio, dêsses tipo correio indsicréto, chamava-o de "Pancinha". Não pense que é algum apelido referente ao tipo fisico. Nada disso. Manoel Barcelos é o tipo do "alinhado" — elegante, bonitão. O caso é que o nome dêle, nome mesmo, é Manoel Barcelos Pancinha. Mas não é sôbre que eu quero falar não. Sôbre Barcelos, locutor, redator, programador, animado, conhecido e admirado, um dos primeiros nomes da Tupi Carioca, eu tenho coisa muito mais importante e seria pra dizer.

Vocês sabem como é o rádio: teatro, novela, música popular, música fina, orquestras, sólos, auditório animado, humorismo, programas sobre senas variados de ordem cultural, a hora da ginástica do Prof. Osvaldo Diniz Magualhães que constitue um laureado capitulo, a parte. Se vocês me perdoam a imodestia, cito também os meus programas sociais, lançados pela 1.ª vez, no rádio brasileiro. Muito bem. O rádio é assim. Pois Manoel Barcelos idealizou, lançou e vem mantendo um programa que é, também, um capitulo. Uma inovação. Um novo rumo o "sem fio". Falo escassamente dos "Comandos Tupi. Barcelos apanha na ténica um material complicado, põe tudo deptro do seu automóvel e sai por aí, fazer entrevistas. Vae as favelas, aos morros, ao cais do porto com seus "estoques", a todo o canto onde o chama o interêsse público..

Em bôa técnica de serviço social essas entrevista se chamariam "levantamentos sociais". Mas Barcelos não tem pretensões a títulos ou glórias. E' um dos grandes elementos do rádio: quer trabalhar. E mais que trabalhar quer produzir. Ouça "Comandos Tupi" — e concordará comigo. Ele vae a um lugar onde "alguma" coisa esta acontecendo — conta o que vê, e desvenda o que se não pode vêr.

E eu me lembrei de falar-lhes de Manoel Barcelos porque acho que o rádio não deve, apenas divertir e instruir, o que é muito eu sei; mas também deve servir em trabalho e ação à causa social, êle está nêsse caminho. Brilhantemente, aliás.

Dr. Linandro Dias

Doenças internas — Tuberculose
Radiologia pulmonar

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18º and. Sala 1801.
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sabados.
Telefone: 42-4443
Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca
Telefone: 38-6637

KATHERINE HEPBURNE

Não deixem de ver "Os melhores anos de nossa vida". Os nove "Oscars" foram realmente merecidos. As três horas de projeção passam rápidamente, tal a caracteristica humana que acompanha todo o filme. E' a tragédia da readaptação do homem que volta da guerra à família e à sociedade e da readaptação dessa família e dessa sociedade ao homem. Filme acentuadamente antiguerreiro, com desempenho magnifico de Frederich March — Mirna Loy — Dana Andrews e Thereza Wright, com uma cinematografia nova e expressiva, com uma grande riqueza de detalhes. O cinema americano ganhou realmente mais um tento com esse magnifico filme. Não deixem de vê-lo.

Outro filme da semana foi "Ivan o Terrivel". A direção de Sergei Eisenstein dispensa qualquer comentário. Ele é um dos mestres da arte cinematografica e seus filmes são profundamente marcados pelo seu genio. O cinema soviético, assim como o francês, caracterizam-se pelo relevo que dão ao material humano e o respeito que mantém aos fatos históricos.

Quem não viu já no cinema americano Nero com um saco de gelo na cabeça depois de uma bacanal? Os produtores americanos preocupam-se geralmente muito mais com o êxito da bilheteria do que com a verdade histórica.

"Ivan o Terrivel" é rigidamente história e o século XVI está impresso nos gestos, nos tipos, nos hábitos dos personagens. Dai talvez o filme não ter agradado amplamente. Além disso, essa é a primeira parte de uma producão cinematografica em três séries. Destaca-se nesse filme a figura impressionante de Nikolai Cherkassov que faz o Ivan com absoluta consciencia.

Para esta semana anuncia-se um filme nacional "Querida Suzana", e uma "Canção inesquecivel" com Cary Grant e aquele velhote engracado que se chama Monty Wooley.

E. M.

Teatro de Fantoches

Vimos, em nosso número anterior como se faz um boneco; hoje vamos ensina-lo a pintá-lo.

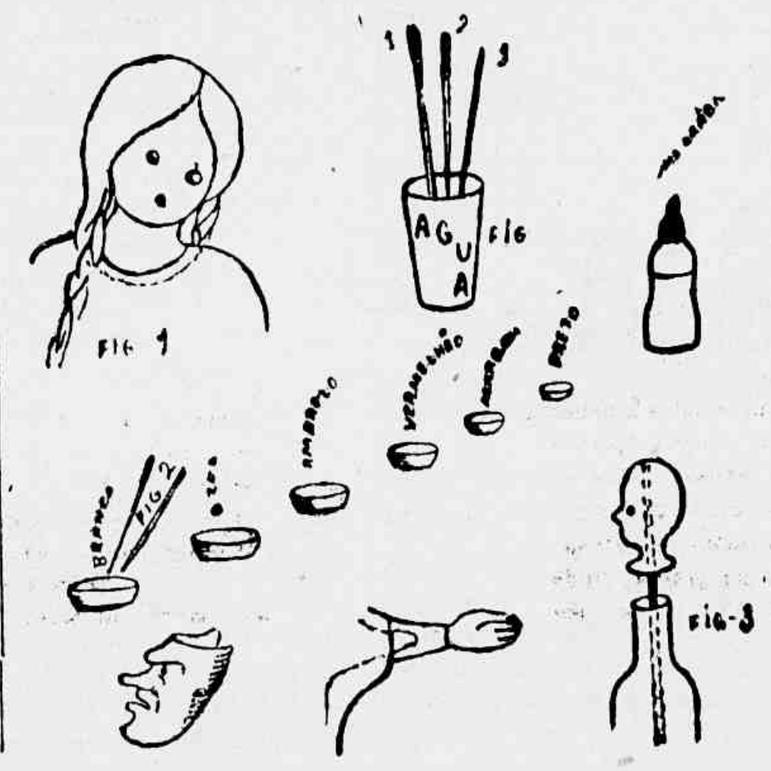
Para pintar os fantoches precisamos do seguinte material:

3 pincéis;

6 panelinhas de barro vidrado para preparar as tintas;

tinta de caiação branca, azul, amarelo, vermelhão, marron e preto (50 gramas de cada côr).

Pintemos agora o rosto da figura n.º 1.



Numa das panelinhas põe-se três colheres, das de café, de tinta branca, 3 colheres de goma arábica e 6 colheres de água. Com a pontinha de um palito (ver fig. 2) põe-se um pouquinho de amarelo e vermelhão. Com o pincel n.º 1 (ver fig. 4) mistura-se bem as 3 cores. Pinta-se o pescoço e o rosto todo, com excessão dos olhos e da boca. Com o pincel n.º 2 pinta-se de vermelhão a boca e depois, com o mesmo pincel sujo de vermelhão faz-se o rosado das faces aproveitando enquanto a pintura do rosto ainda está úmida. Com o pincel n.º 3 pinta-se os olhos com tinta marron, preta e branca azulada. As sobrancelhas com tinta marron.

Pronta a pintura guarda-se o fantoche com cuidado (ver fig. 2) em lugar sem poeira.

Em nosso próximo número ensinaremos a fazer o corpo do boneco.

Para qualquer esclarecimento escreva para a rua do Lavradio 55, sala 14.

MARIETA IACQUES

Jubileu

Da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino

Amanhã, 9 de agosto, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino completa o seu vigéssimo quinto aniversário.

Sua fundadora, a dra. Berta Lutz, cientista, política e lider feminina brasileira, já havia criado, em 19, a Liga para a Emancipação Inteléctual da Mulher, o primeiro organismo feminino brasileiro que não tem objetivos religiosos ou de assistência social. Três anos após, representa o Brasil na Convenção de Mulheres Eleitoras dos Estados Unidos, em Baltimore. De volta ao Rio, com a cooperação das senhoras Jerônima Mesquita, Stela de Carvalho Guerra Duval, dra. Carmen Portenho e de outras brasileiras, transforma a Liga na associação que agora festeja o seu jubileu. E o ano de 22 torna-se duplamente significativo para o nascente movimento feminino com a declaração do Instituto da Ordem dos Advogados de que o voto feminino é oportuno e constitucional.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino destina-se, segundo reza o artigo segundo dos seus estatutos: "a coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nivel de cultura e tornar-lhe mais eficiênte a atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intelectual e politica".

Os naso que se seguem são árduos. A Federação inicia e intensifica, utilizando uma propaganda, por vezes, clara e persuasiva como a do mata-borrão, que reproduzimos, a campanha do sufrágio feminino. Incompreendidas quase sempre e não raro acertamente ridicularizadas, as dirigentes da ederação não esmoreciam. Transportavam-se de avião ao norte e ao sul e do Brasil, deixando cair volantes em profução, realizando conferências prégando. A Constituição de 91 não negava, absolutamente, o direito de voto à mulher. Mas era preciso, para que não continuasse a persistir a interpretação comodista, que fosse êle clara e expressamente concedido. E a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino consegue que, nesse sentido, sejam apresentados projetos de lei na Camara e no Senado, respectivamente pelo deputado Juvenal Larmatine e pelo senador Justo Chermont.

Se nada consegue por êsse lado, se vê o projeto Chermont levar dez anos entre a primeira e a segunda discussão, obtem a primeira expressiva vitória com a concessão do voto feminino do Norte, em 1927. São assim, as mulheres potiguares as primeira eleitoras brasileiras e é ainda uma filha do pequeno estado nordestino a primeira mulher brasileira que fica à frente dos destinos de um municipio: Alzira Soriano, prefeita de Lages.

A Dra. Berta Lutz, fundadora e presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fez parte da nossa delegação à Conferência de São Francisco, sendo uma das nove delegadas presentes ao grande conclave das Nações Unidas. A gravura fixa expressivo flagrante da popularidade da representante brasileira, mostrando a Dra Berta Lutz quando concedia autógrafos às crianças de São Francisco

Um dos meios de propaganda utilizados pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino na sua campanha do voto — consistia num mata-borrão apresentando um mapa do universo. Os países em que a mulher desfrutava de direitos políticos, apareciam em côr branca; aqueles em que não tinha o direito do voto, eram as manchas negras do mapa. O Brasil figurava entre os últimos. E, nas mesas dos deputados e dos senadores, os expressivos mata-borrões apareciam seguidamente, mostrando aos representantes do povo que a êles competia tornar claro como a luz aquele borrão de treva que marcava o Brasil

Mulheres de outros Estados requerem e conseguem alistamento, através de julgados que se baseiam no próprio artigo 70 da Constituição Federal.

Em 1931, em plena República Nova a Federação promove um Congresso aqui no Rio, a 2.º Congresso Internacional o Brasil a escritora Maria Eugênio Celso, nomeada por decreto do govêrno Provisório. Este aceita as conclusões do Congresso e o novo Código Eleitoral extende à mulher os direitos politicos.

A Liga Eleitoral Independente, para fins de alistamento feminino, é criada pela Federação.

A dra. Berta Lutz integra a Comissão Relatora do Ante — projeto da Constituição, no qual são introduzidas suas oito emendas, consagradas, depois na democrática Constituição de 84.

Em 36, festejando seu décimo quinto aniversário, a Federação celébra essas vitiriase recorda suas lutas ceu o sr. Antônio Carlos e num almoço a que compareno qual é homenageada a sua presidente e então deputada Berta Lutz. Esta, no pouco tempo em que esteve no Parlamento, apresenta dois interessantes trabalhos, ambos aprovados em duas discussões: um criando o Departamento da Maternidade Infancia e Lar e o outro, o Estatuto da Mulher.

Depois foram os anos negros do fascismo, em que tanto mulheres como homens não tiveram direitos politicos e em que à mulher foram arrebatadas muitas outras conquistas.

Congresso e convenções continuam a realizar a Federação e vê passar, agora o seu jubileu num periodo novamente constitucional.

Para comemorá-lo, a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino executara o segundo programa:

Dia 9 — 11 horas — Missa em ação de graças na Igreja de São Francisco de Paula.

12,30 horas — Almoço no Restaurante da Casa do Estudante.

Dia 12 — 15 horas — Assembléia Geral na Casa do Estudante.

Dia 14 — 17 horas — Recepção oferecida pela vice-presidente, senhora Alvim Menge, na Ladeira da Glória, 124.

Dia 18 — 17 horas — Concêrto e Hora Literária, organizados pelas senhoras Joanidia Sodré e Maria Sabina, na Escola Nacional de Música.